

Evolução de um portador de necessidades especiais fantasmas e sonhos que o vento levou

Áurea Machado Lorenzoni*

Olinda Rocha Pereira**

Paulo César Ribeiro Martins***

Resumo

Este trabalho é o resultado do acompanhamento de um adolescente com necessidades especiais realizado no Ceopi e na Clínica Molécula. No trabalho, que se iniciou com a avaliação psicopedagógica, a alfabetizadora procurou identificar o estágio em que se encontrava o adolescente em relação à aprendizagem, baseando-se na psicogênese da língua escrita. A psicopedagoga avaliou as questões orgânicas, corporais, intelectuais e simbólicas; o psicólogo procurou identificar o nível de inteligência e os fatores emocionais que influenciavam no seu desenvolvimento e o neurologista fez a avaliação neurológica. No decorrer do acompanhamento, a equipe foi construindo junto com o educando atividades que despertaram o seu interesse e curiosidade. O resultado, até então, é de um ser sociável, que lê e escreve, tendo como impulso importante na sua socialização e alfabetização o uso da máquina de calcular no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: deficiência mental, psicopedagogia, alfabetização, psicoterapia.

* Psicopedagoga pela EPsiBA. Centro de Estudos, Orientação Psicoeducacional, e-mail: paulo.martins@terra.com.br

** Alfabetizadora pela UPF.

*** Mestre em Psicologia pela Puccamp - SP.

Introdução

As questões orgânicas, corporais, intelectuais e simbólicas (desejo) envolvidas no processo ensino-aprendizagem de nosso paciente serão relatadas a partir da sua importância e significado no presente contexto. A seguir será traçado um paralelo que pontuará a evolução comportamental do paciente, relatando como era antes e como ficou após as intervenções.

Em comparação a outras problemáticas, a que relatamos exigiu uma unidade interdisciplinar para sua abordagem, pois, para aprender, põem-se em jogo quatro níveis: orgânico, corporal, intelectual e simbólico. Portanto, no nosso caso, o paciente-problema de aprendizagem exigiu a intervenção de diferentes especialistas, como neurologista, psicólogo, psicopedagoga e alfabetizadora, cujos diferentes pareceres foram necessários para articular um diagnóstico psicopedagógico.

A seguir, a descrevemos a importância e as significações do lugar do corpo, do organismo, da inteligência e do desejo na aprendizagem, articulados pelos diferentes profissionais sobre o paciente portador de necessidades especiais, classificado pelo CID-10 (1993) como deficiente mental moderado (F-71).

Processo de aprendizagem

Em todo processo de aprendizagem estão implicados os quatro níveis – organismo, corpo, inteligência e desejo – e não se poderia falar em aprendizagem excluindo algum deles. Também no déficit de aprendizagem, necessariamente, estarão em jogo os quatro níveis, em diferentes graus de comprometimento.

Segundo Fernández (1991, p. 57), “o organismo poderia ser comparado a um aparelho de recepção programado, que possui transmissores (células nervosas) capazes de registrar certos tipos de associações, de fluídos elétricos e reproduzi-los quando necessário.” Já o corpo poderia assemelhar-se a um instrumento musical, no qual se dão coordenações entre diversas pulsações, mas criando algo novo. Do ponto de vista do funcionamento, podemos tomar duas dimensões: a que pertence ao organismo, que é um funcionamento já codificado, e a do corpo, que é aprendida. Por exemplo, a respiração é um comportamento de efeito orgânico, ao passo que a emissão da palavra é uma coordenação que tem de ser aprendida.

O organismo bem estruturado é uma boa base para a aprendizagem, e as perturbações que possa sofrer condicionam dificuldades nesse processo. Pelo corpo nos apropriamos do organismo. Não temos diálogo com nosso organismo, mas temos diálogo com nosso corpo; nós o modulamos. Desde o princípio até o fim, a aprendizagem passa pelo corpo. Somente ao integrar-se ao saber, o conhecimento é aprendido e pode ser utilizado. O saber supõe a originalidade do corpo, e o desejo é a universalidade da inteligência. Todo conhecimento tem um nível figurativo (Piaget) que se inscreve no corpo.

Fernández (1991, p. 60), citando Sara Paín, diz que

o corpo forma parte da maioria das aprendizagens não só como *ensenās*, mas como instrumento de apropriação do conhecimento. O corpo é *ensenās*, pois através dele realizam-se as demonstrações de ‘como fazer’, sobretudo através do olhar. As modulações da voz e a veemência do gesto canalizam o interesse e a paixão que o conhecimento significa para o outro.

Como diz Haydée Echeverría, também citado por Fernández (1991, p. 62), “o corpo enlaça a dimensão interna com a externa, através do conceito de vínculo como lugar de intersecção da construtividade cognitiva e da estrutura do desejo”. O meio é entendido como fator etno-sociocultural que posiciona a construção do vínculo.

Enfatizando-se o lugar do organismo na aprendizagem temos o seguinte:

Podemos dizer que no processo de aprendizagem, o organismo revela-se ou sua fratura ou sua disfunção, quando não torna possível a experiência de certas coordenações (por causa da rigidez, da inércia, da estereotipia, própria de certas constituições mórbidas), ou dos projetos mesmo de tais experiências (por causa dos estados afásicos ou apráxicos) (Paín apud Fernández, 1991, p. 62).

O organismo, programado por meio sistemas (nervoso, digestivo, respiratório, etc.), constitui a infra-estrutura neurofisiológica de todas as coordenações possíveis e possibilita a memória dos automatismos. Transversalizado pela inteligência e pelo desejo, o organismo irá se mostrando em um corpo, e é desse modo que intervém na aprendizagem, já corporizado.

Lugar da inteligência e do desejo na aprendizagem: o pensamento é um só; não pensamos por um lado inteligentemente e, depois, como se girássemos o dial, pensamos simbolicamente. O pensamento é como uma trama na qual a inteligência seria o fio horizontal e o desejo, o vertical. Ao mesmo tempo acontecem a significação simbólica e a capacidade de organização lógica.

As teorias sobre a inteligência e o desejo desconhecem-se mutuamente. Assim, a psicanálise e a teoria da inteligência de Piaget separam cada uma seu objeto de estudo, sem incorporar o da outra.

No dicionário de psicanálise de Laplanche (1991), observa Sara Paín (apud Fernández,

1991), não figura a palavra *inteligência*, assim como no dicionário de Batro, sobre a inteligência, não figura a palavra *inconsciente*. Tal omissão não somente responde a uma não-pertinência das teorias para abordar a integração como tem a ver com a cisão constitutiva do ser humano entre conhecimento e desejo. Porém, preocupados com a problemática de aprendizagem, nós não podemos deixar de questionar acerca de possíveis inter-relações entre as teorias. No início, já mencionamos quatro níveis que intervêm, necessariamente, em todo processo de aprendizagem: organismo, corpo, inteligência, e desejo, e fizemos algumas considerações sobre os dois primeiros; agora, estamos abrindo um campo de interrogação sobre as inter-relações entre os dois últimos.

Consideramos cada um desses níveis como estruturas pertencentes a um indivíduo, incluído, por sua vez, como estrutura dentro de outra estrutura mais ampla, que é a família, a qual também incluída em uma estrutura maior, o sistema socioeconômico-educativo.

O esquema já apresentado nos fornece alguns dados, ainda que parciais, para trabalhar as relações entre o organismo e o corpo que se põem em jogo para aprender. Quando devemos incluir a inteligência e o desejo, assim como os aspectos que têm a ver com a corporeidade (construída também pelo organismo, inteligência e o desejo), ao sistema socioeconômico-educativo, se lhes sobrepõe outra dimensão: a da alteridade ou do outro.

O *outro* não é somente o outro tangível; é o *outro* que está construído por todos os outros, que simbolicamente permitem reconhecer a individualidade construída especularmente; o *outro* que devolve a

própria unidade, a própria integridade. Esse *outro* devolve especularmente a possibilidade de reconhecer-se como uma unidade, porém só se pode apreciá-lo completo quando o espelho de vidro nos reproduz a imagem corporal, incluindo o rosto.

Assim vamos construindo o esquema corporal, saindo do corpo despedaçado dos primeiros meses do bebê para poder chegar ao eu corporal. Pode-se falar de organismo e, de certo modo, de corpo sem mencionar essa dimensão, mas não se pode falar de inteligência nem de desejo sem a dimensão corpo-organismo, senão à custa de cair num reducionismo que não permite entender a dinâmica, o movimento e que, mantendo-nos em um corpo “despedaçado” em nível das teorias, despedaça nosso objeto de estudo e a nossos pacientes em tantos fragmentos quantas especialidades existam.

A estrutura cognitiva e a estrutura simbólica (o nível de desejo) são diferenciáveis. Na história pessoal de um indivíduo, parte-se de uma diferenciação entre as mesmas para uma diferenciação cada vez maior e melhor.

Dissemos que os saberes sobre o desejo e a inteligência se desconhecem mutuamente. O problema de aprendizagem, isto é, aquele sintoma em que a inteligência é aprisionada pelo desejo, é o lugar privilegiado, talvez o único, para poder observar as relações entre ambas as estruturas (desejo e inteligência). A partir do estudo da patologia na aprendizagem, começam a ser encontrados os pontos de contato entre as duas teorias que tratam separadamente a inteligência, de um lado, e o inconsciente, do outro: a teoria de Piaget e a psicanálise. Quando o objeto de estudo e trabalho é o problema de aprendizagem, não podemos deixar

de observar o que ocorre entre a inteligência e os desejos inconscientes.

Quando falamos de inteligência, referimo-nos a uma estrutura lógica, ao passo que a dimensão desejante é simbólica, significativa e alógica. A estrutura lógica, segundo Piaget, é uma estrutura genética; o conhecimento se constrói. Para Piaget (apud Fernández, 1991), a ação é o ponto de partida da razão e a fonte de organização e reorganização contínua da percepção. Piaget fala da construção do real do conhecimento, quer dizer, da atividade que deve depender o sujeito para obter uma organização cognitiva que não está determinada pelo canal genético (mesmo se condicionada), nem é imposta pelo estímulo exterior.

Sabemos que Freud provoca uma revolução no pensamento ao sustentar a existência da sexualidade infantil, ferindo o critério adulto mórfico que acreditava ser sexualidade uma circunstância do adulto exclusivamente. Em outro plano, Piaget continua a tarefa de Freud, descobrindo que nem sempre os adultos têm a exclusividade dos raciocínios inteligentes. Desde os primeiros intercâmbios do bebê com o meio, há uma organização, uma inteligência sensório-motriz que vai se construindo em um processo no qual se prima pela ação. A memória, a atenção, a percepção, que antigamente se confundiam ou se equivaliam à inteligência, deram lugar à evidência da tendência a um equilíbrio melhor.

É o nível simbólico que organiza a vida afetiva e a vida das significações. A linguagem, os gestos e os afetos agem como significados ou como significantes com os quais o sujeito pode dizer como sente seu mundo. Parte dos aspectos que nós incluímos no que denominamos “nível simbólico”, às vezes é chamada de “emoções”, de “afetividade” e, inclusive, de “inconsciente”. Para que haja

aprendizagem, intervêm o nível cognitivo e o desejante, além do organismo e do corpo.

Levando em conta tudo que foi comentado, não podemos continuar situando a aprendizagem do lado da inteligência e a sexualidade do lado do desejo, dicotomicamente separados. Tanto a sexualidade como a aprendizagem são funções que intervêm em ambos os níveis. Os produtos, os atos, sejam pensamentos ou afetos, são também por trabalho dos dois níveis, elaboram-se por meio de processos objetivantes e subjetivantes. Não poderíamos diferenciar a inteligência do desejo a partir do objeto material a que se dirigem, mas, sim, pela forma de conseguir o fim a que se propõem com esse objeto. A elaboração objetivante vai se articulando com a elaboração subjetivante, a serviço de um maior equilíbrio.

Processo de alfabetização no construtivismo

No início do trabalho, o aluno apresentava as seguintes características:

- 1 tinha interiorizado a sua incapacidade; tinha medo do erro e de ser testado, por isso rejeitava qualquer tipo de material concreto;
- 2 cantava durante longo tempo canções muito tristes;
- 3 contava histórias de muita violência e terror;
- 4 sua motricidade fina era boa, pois passara anos preenchendo linhas com exercícios psicomotores;
- 5 imaginava-se um cientista e que faria um homem máquina, com cérebro capaz de desvendar todos os mistérios; também, um dia faria um livro com 2 500 páginas;
- 6 não permanecia em uma atividade por mais de dez minutos.

Avaliação da língua escrita

- encontrava-se no nível silábico; tinha conhecimento de todas as letras; cada sílaba oral era escrita por uma letra com algumas correspondências sonoras. Ex: A T A cer ve já;
- fazia tudo rápido para se ver livre do que era solicitado;
- não aceitava letra cursiva, somente a letra de forma.

Avaliação da alfabetização matemática

Somente conhecia os numerais até 6, mas não identificava os números perceptuais que são números pequenos até 4 ou 5 e que podem ser conhecidos pela percepção; não conseguia seriar nem classificar.

Atividades no processo de alfabetização

- uso da calculadora, realizando as quatro operações;
- também com a calculadora, começou a realizar operações de dezenas; logo, de centena e, ao descobrir o milhar, foi para a data de nascimento das pessoas (que é a sua grande paixão), resolvendo problemas matemáticos;
- uso do computador com programas educativos;
- blocos lógicos;
- jogos pedagógicos;
- leitura de jornais, revistas e histórias em quadrinhos;
- escrita de textos.

Evolução do paciente

Fundamentados pelo que explanamos anteriormente, elaboramos um paralelo da evolução comportamental do paciente após intervenção transdisciplinar. No início do tratamento (ontem), o paciente tinha 15 anos, hoje está 21 anos.

Em nível de corpo e organismo

Ontem	Hoje
– Franzino, inquieto, fala compulsiva e desordenada, caminhar oscilante – Caminhar, postura e atitudes revelam fraturas que prejudicaram seu desenvolvimento – Desde o nascimento, sintomas de agitação, nervosismo, regurgito e flatulência – Medicação para controle do seu nervosismo, agitação e enurese – Sono perturbado, sonhos muito assustadores, monstros e bichos	– Presença mais saudável, atitudes coerentes, postura mais segura – Atividades específicas resgatam e desenvolvem o potencial existente – Menos agitação, menos nervosismo e boa evolução da função digestiva – Sem medicação e nervosismo; agitação e enurese sob controle – Mais domínio sobre o sono, sonhos mais amenos

Em nível de inteligência

Ontem	Hoje
– Frustração em toda tentativa de escolarização – Rejeição a tudo que lembre testes, escrita, aulas e estudos – Não identifica valor e quantidade de dinheiro – Conta histórias e anotações – Identifica o numeral até cinco, sem noção de quantidade – Demonstra interesse e gosto por conserto de eletrodomésticos (rádio, TV); é incentivado e recebe atendimento e orientação da professora da área de Laboratório de Eletrônica em Escola de 2º Grau – Atividade intelectual muito estimulada, mas muito comprometida pela dramática que o acompanha desde seu nascimento	– Escolarização incentivada, motivada e em significativa evolução – Menos trauma, com significativo domínio da leitura, escrita e cálculos – Identifica quantidade de dinheiro, valor de compra e troco – Escreve e lê suas histórias, com lógica e coerência que evidenciam o seu progresso, dentro de suas limitações – Utiliza calculadora e faz cálculos numerais até quatro dígitos; tem preferência por datas de nascimento, de morte e de acontecimentos marcantes – Com orientação e treinamento, evidencia boa aprendizagem na manipulação e na identificação de componentes eletrônicos na montagem de aparelhos com a ajuda de técnicos e professores – Atividade intelectual bem mais evoluída, com trabalhos incentivados e direcionados para a autoconstrução de seu conhecimento

Em nível simbólico - Desejo

Ontem	Hoje
- Relato de cenas muito violentas de morte e sangue - Revela muita angústia ao falar de seus sonhos assustadores - Tem sonho de ser um grande inventor - Auto-imagem e auto-estima muito baixas - Adolescente sensível e emocionalmente instável, pode estar alegre, cantar e contar histórias; em outros momentos, pode estar bravo e nervoso, resistente às tarefas propostas - Apresentava dificuldades de controlar seus impulsos sexuais, em função de sua espontaneidade descontrolada - Identificação e subjetividade mal elaboradas	- Fala muito sobre fatos e acontecimentos, muito ligado a datas; usa calculadora para ter exatidão no cálculo da idade das pessoas e o tempo ocorrido entre os acontecimentos - Fala com desenvoltura de seus sonhos; tem consciência de suas limitações - Fala com serenidade e conformação: "foram sonhos que o vento levou" - Melhora evidente na auto-imagem e na auto-estima; Ele menciona, às vezes, o fato de ter dificuldade de aprender e de ser diferente dos irmãos - Continua sensível, menos instável; se incomoda mais com as tentativas de imposição de limites pelos pais e realiza com mais espontaneidade as tarefas propostas - Encontramos um jovem mais tranquilo quanto a sua sexualidade, com um melhor controle dos impulsos, mesmo com as limitações e problemas condizentes com sua realidade - Traços mais definidos de identificação e subjetividade; tem consciência da situação, ficando perturbado quando se depara com sua realidade

Conclusão

Este trabalho é o resultado do acompanhamento realizado no Ceopi/Idep, de um adolescente categorizado como deficiente mental moderado, atualmente entendido como portador de necessidades especiais.

O trabalho iniciou com a avaliação psicopedagógica: a alfabetizadora procurou identificar o estágio em que se encontrava o adolescente em relação à aprendizagem, baseando-se na psicogênese da língua escrita; a psicopedagoga avaliou as questões orgânicas, corporais, intelectuais e simbólicas, cuja leitura revelou fraturas e o quanto as primeiras aprendizagens do adolescente haviam sido dramáticas e marcantes, evidenciando o despreparo que a maioria das pessoas e até profissionais da área da edu-

cação têm em relação aos portadoras de necessidades especiais; o psicólogo procurou identificar o nível de inteligência e de fatores emocionais que influenciavam seu desenvolvimento, apontando o que acontecia de especial que comprometia o desenvolvimento das aprendizagens daquele adolescente; o neurologista fez a sua avaliação contribuindo com o seu diagnóstico.

No decorrer do acompanhamento, a equipe foi construindo junto com o educando atividades que despertaram o seu interesse e curiosidade. O resultado, até então, é de um ser sociável, que lê e escreve, além de ter consciência de suas aptidões e de suas limitações.

Sem sombra de dúvidas, temos hoje um ser bem mais feliz e realizado, como também uma família integrada ao tratamento, com sentimento do dever cumprido. Avaliamos o sucesso do trabalho especialmente em razão de ter sido realizado realmente de modo transdisciplinar, aumentando a paixão dos profissionais pelo que fazem.

Referências bibliográficas

- AJURIAGUERRA, J. D. *Manual de psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, [s.d.].
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipioni, 1991.
- CALSSIFICAÇÃO dos Transtornos Mentais e de Comportamento. Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas – CID 10. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- DOLTO, F.; NASIO, J. D. *A criança do espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FERNÁNDEZ, A. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FRANCHI, E. *A redação na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- GROSSI, E. P. *Didática do nível pré-silábico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. v. 1.
- _____. *Didático do nível silábico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. v. 2.
- _____. *Didático do nível alfabético*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. v. 3.
- KAMII, C. *Reinventando a aritmética*. Campinas: Papirus, 1986.
- KAMII, C. *A criança e o número*. Campinas: Papirus, 1988.
- LAPLANCHE; PONTALIS. *Dicionário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- PAÍN, S. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.